

1. A liberdade sexual contra a ditadura ou Sobre como a homossexualidade teria incomodado o regime

Ainda hoje o tratamento dado pelos Estados governados por Partidos Comunistas à questão homossexual é um tanto quanto obscuro e alvo de polêmicas que continuam a polarizar a opinião pública internacional entre os prós e contras destes regimes. Em reportagem de julho de 2011 publicada no jornal Folha de São Paulo¹, a referência a um texto jurídico chinês que enquadrava a homossexualidade na categoria de doenças mentais até o ano de 2001 revela a diferença de teor no debate sobre o tema entre a China comunista e seus próprios companheiros de partido no mundo ocidental, onde nesta aurora do século XXI quase todos os PCs posicionavam-se, com maior ou menor grau de engajamento, favoravelmente ao casamento gay. A reportagem segue denunciando a ocorrência de procedimentos cirúrgicos que prometem a cura deste mal, sugerindo certa permissividade, para não dizer apoio, do governo a estas práticas baseadas na ideia de que a orientação sexual de cada indivíduo possa ser classificada entre uma normalidade estimulada e uma anormalidade repugnável, maculando os homossexuais com o estigma através de um discurso sustentado na autoridade de uma pseudociência médica. Neste mesmo ano e em sentido oposto, causaria igual frisson o twitter publicado pelo ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, sobre sua presença ao lado de Fidel Castro em um casamento entre um transexual e um homossexual em Havana². A cerimônia festiva viria após declarações do líder cubano sobre seu apoio ao casamento gay numa clara resposta às longínquas e avolumadas críticas de dissidentes sobre a homofobia manifesta pelos guerrilheiros caribenhos e a edificação de todo um aparato repressivo e persecutório erguido pelo Estado para conter *los maricones del Malecón*. E apesar da atitude simbólica de Castro, organizações de militantes gays do arquipélago, a exemplo de *El Observatorio Cubano de Derechos de LGBT*, relatam a

¹ Folha de São Paulo. *Gays denunciam homofobia na China; veja*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/941556-gays-denunciam-homofobia-na-china-veja.shtml>. Data de acesso: 24 de março de 2013.

² Jornal de Notícias. *Chávez e um casamento gay nos 85 anos de Fidel Castro*. Disponível em: http://www.jn.pt/PaginalInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=1951804. Data de acesso: 24 de março de 2013.

continuidade da coação, vigilância e advertências sofridas por estes ativistas por parte de agentes públicos ligados ao governo³. Se hoje o assunto ainda provoca controvérsias deste porte, a história da construção do socialismo nestes países está permeada por críticas com sustentação de valor testemunhal condenando a institucionalização da homofobia, tenha sido ela criada ou perpetuada por estes governos com orientação teórica no marxismo-leninismo. Pode-se até mesmo ler nas entrelinhas deste discurso que descreve as adversidades do socialismo real uma vinculação de causa e efeito entre a originária e mitológica violência revolucionária, vencedora graças à potência viril do guerrilheiro macho, e a violência homofóbica que renega a fragilidade débil da democracia liberal e rebaixa a feminilidade do idealismo burguês. Obviamente, os defensores destes regimes acumulam evidências para emitir corretas assertivas quando atestam que a existência de uma tradição moralista nestes países antecede o advento revolucionário e, portanto, a culpa pelo preconceito arraigado no ideário popular não pode ser totalmente colocada na conta dos comunistas; contudo, o programa progressista que apontam como ponto de chegada de sua luta uma sociedade utópica que goze de plenas liberdades entra em contradição com a postura de reafirmação das tradições quando estas ferem as opções individuais que não impliquem em prejuízo para o convívio social e/ou para o interesse público. Partindo desta discussão, este artigo se propõe à tarefa de analisar conjuntamente as motivações ideológicas da homofobia institucionalizada em Cuba durante as décadas de 1960 e 1970 e de analisar o discurso de denúncia a esta prática com base nos relatos testemunhais do intelectual Reinaldo Arenas veiculados através de sua autobiografia *Antes que Anochezca*. Deste modo, este artigo pretende contribuir para que se jogue luz a esta espinhosa contenda que precisa ser compreendida até mesmo para que as correntes políticas e teóricas de esquerda possam fazer a revisão de sua práxis.

1.1 O que nos diz a pesquisa histórica recente sobre a história da homofobia no Castrismo

³ Cuba encuentro. *El Observatorio Cubano de Derechos de LGBT lanza publicación*. Disponível em: <http://www.cubaencuentro.com/cuba/noticias/el-observatorio-cubano-de-derechos-de-lgbt-lanza-publicacion-267165>. Data de acesso: 24 de março de 2013.

Um dos pontos em comum entre a crítica proferida pela dissidência de segunda hora⁴ contra o Castrismo refere-se à homofobia sistemática instaurada na forma de perseguição e punição pelo governo revolucionário ainda em seus primeiros anos. Para Rafael Saddi Teixeira, esta mentalidade homofóbica fora forjada ainda nos anos da guerrilha através da exaltação do corpo viril do combatente ante o corpo frágil da mulher e do homem efeminado. Na busca pelo desvendamento das causas que levariam o governo socialista cubano a reprimir os homossexuais, Teixeira explica que:

(...) a ideia de luta pela pátria esteve, desde os primeiros discursos de construção da nação, associada a um espaço masculinizado, representante da força e da capacidade de sacrificar-se. Ao feminino, ligado à noção de fragilidade, competia o espaço privado e distante das lutas heroicas. O ascetismo revolucionário do combatente dos anos 50 construiu um tipo de conduta voltado para essa noção de virilidade do sacrifício revolucionário, que excluía a mulher da primeira linha da luta guerrilheira e dotava o homem afeminado de um desvio de caráter e de moral.

(TEIXEIRA, 2009: pg. 159)

Esta associação do feminino à fragilidade e aos cuidados da vida doméstica e a posterior vinculação do homossexual ao âmbito do universo feminino implica numa desmoralização de homens gays por considerarem-nos incapazes de participarem dos combates em prol de uma nação livre. O questionamento a esta postura machista reside no fato de que um governo conhecido pela jovialidade de seus líderes tenha reforçado este moralismo tacanho.

Mais amplamente, a instrumentalização do conceito de ascetismo revolucionário como a imposição/ aceitação entre os guerrilheiros da lógica inversamente complementar do sacrifício do prazer e do prazer do sacrifício, ou seja, a concepção de que a abstinência entre os combatentes seria fundamental para que eles se mantivessem focados exclusivamente na batalha campal contra a ditadura batistiana, fornece uma explicação mais genérica do porquê os chefes do governo revolucionário tiveram um

⁴ Chama-se de dissidência de segunda hora ao Castrismo àqueles que apoiaram o advento revolucionário, mas romperam com o socialismo cubano durante o processo de construção do consenso em torno de Fidel Castro ocorrido durante a década de 1960. Deste modo, pode-se diferenciar este grupo dissidente daquele grupo de opositores residente em Miami desde o início do processo revolucionário e que se destaca por ter articulado a tentativa de invasão à Baía dos Porcos em 1961 e que tende a apoiar o Partido Republicano nos Estados Unidos.

obstinado desejo de aniquilar a liberdade sexual de Cuba: o moralismo revolucionário era, por essência, anti-erótico:

Desta forma, para os revolucionários o prazer está na vida abnegada, na vida puritana, na vida de abandono dos prazeres momentâneos pelo prazer do sacrifício pessoal por uma causa impessoal, no mundo de abandono dos antigos deuses e demônios para a entrega absoluta ao dever. O ascetismo revolucionário tomado às suas últimas consequências significa a formação de um verdadeiro modo de vida, que abandona família, dinheiro e prazeres momentâneos para se dedicar ao prazer de combater pela pátria.

(Ibid. pg. 130).

Portanto, o deslocamento deste enaltecimento do comportamento ascético do contexto da guerrilha para o contexto revolucionário veio acompanhado da repressão a todas as formas de erotismo patente, incluindo nelas a orientação homossexual.

Tida como a primeira ocorrência de violência do Estado pós-revolução contra homossexuais, a *Operação P* ou *La noche de las tres P* datada de 11 de outubro de 1961 confirmaria a suspeita de que, para este novo governo, as prostitutas, os proxenetas e os pederastas seriam grupos degenerados e, portanto, contrarrevolucionários em potencial. Carlos Franqui descreveria esta mega operação policial da seguinte forma:

Numa noite memorável, Fidel Castro, Raúl Castro e Ramiro Valdés ordenaram que carros-patrolha bloqueassem os setores boêmios de Havana e outras cidades. Eles estavam tentando uma nova técnica policial – prisões em massa. Qualquer um apanhado na área cercada e que não pudesse fornecer os documentos de identificação adequados (portar documentos ainda não era obrigatório) era preso. Alguns milhares de prisioneiros foram conduzidos a delegacias de polícia, centros de detenção e à prisão de Príncipe. Havia dois tipos de seleção. Um era rápido e generalizado. O outro era seletivo, com listas fornecidas pelos Comitês de Defesa locais, e incluía homossexuais, vagabundos, tipos suspeitos, intelectuais, artistas, católicos, protestantes, macumbeiros. Nas zonas de luz vermelha, apanhavam prostitutas e alcoviteiros. Uma vez em Príncipe – ou em qualquer outra prisão – os presos eram despidos e vestiam um uniforme, um traje listrado com um grande P nas costas. P maiúsculo: pederasta, prostituta. Até mesmo os homens que por acaso estavam com prostitutas

naquele momento foram presos; até mesmo os que andavam pela rua. Foi realmente uma festa policial.

(FRANQUI, 1981: pg. 140).

Note-se a intenção de Franqui em associar a perseguição aos homossexuais à perseguição mais genérica a todos os grupos sociais que frequentariam assiduamente a noite boêmia havanesa. Assim sendo, a limpeza revolucionária tentaria, através da censura e da ação policial, substituir a festividade noturna em celebração aos prazeres do corpo pela festa sádica da repressão militar, ou dizendo de outro modo, a substituição do prazer do gozo pelo prazer da violência disciplinadora.

A mentalidade homofóbica manifesta pela alta cúpula do governo revolucionário ainda neste contexto da década de 1960 pode ser apreendida ainda em outras duas notas esclarecedoras. Na primeira delas, extraída da revista *Alma Mater* que era escrita e editada pela UJC (*Unión de los Jovenes Comunistas*), aparece explícito o atrelamento entre a atuação de homossexuais e a atuação de contrarrevolucionários:

Algunos pretenden, en su afán de frenar el proceso de depuración, dividirlo en dos procesos distintos: el de los contrarrevolucionarios y de los homosexuales. Nosotros vemos que la depuración es una sola, que tan nociva es la influencia y la actividad de unos como de otros en la formación del profesional revolucionario del futuro.

(Artigo de editorial. *Nuestra opinión*. Revista *Alma Mater*, La Havana, Nº 49, pg. 1, 05 de junho de 1965)

Através deste pronunciamento emblemático, estes jovens comunistas afirmam que os homossexuais seriam inimigos tão perigosos para o triunfo revolucionário quanto os contrarrevolucionários. O que preocuparia esta juventude revolucionária seria o poder de influência e de contágio que estes antagonistas poderiam exercer sobre outras parcelas da sociedade cubana. Seria como se o propósito de Ernesto Che Guevara de gradual e sincronicamente extinguir a propriedade privada e construir um homem novo⁵

⁵ GUEVARA, Ernesto Che. *El hombre nuevo* in ZEA, Leopoldo. *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. México: Editorial Fondo de Cultura Económica, 1993; e GUEVARA, Ernesto Che. *Textos Revolucionários*. São Paulo: Centro editorial Latino-Americano, 1980.

fosse então interpretado por esta juventude na urgência de se combater ao mesmo tempo tanto aqueles que eram abertamente contrários à política econômica e social do governo Castro como aqueles que se desvirtuavam da moral revolucionária.

Na segunda nota reveladora desta homofobia, Franqui afirma ter escutado a seguinte declaração do próprio Fidel Castro a respeito da *Operação P*:

Fidel e Dorticós interviram nesse instante, dizendo que as prostitutas seriam enviadas a campos de reeducação e transformadas em novas mulheres, com novos empregos. Os proxenetas seriam processados com todo o rigor da lei. Os homossexuais não seriam processados, mas não teriam permissão de exercer influência na arte, na cultura ou na educação. Afirmaram que a operação foi importante como medida anti-contrarrevolucionária.

(FRANQUI, *Op. Cit.* – pg. 142)

La noche de las tres P foi, portanto, o episódio deflagrador do início de um processo repressivo por parte do governo revolucionário com o intuito de exercer um controle sobre todas as formas de sexualidade tidas como desviantes, entre as quais os homossexuais teriam papel de destaque. Esta moral guerrilheira consideraria que a suposta indiscrição da comunidade gay havanesa seria uma prova da incapacidade destes depravados em se comprometer integralmente com a causa nacional, nesta luta espinhosa e inacabada contra os agressores externos. A estes homossexuais foi negada a possibilidade da militância comunista, como se houvesse uma relação de exclusão entre a orientação sexual e o posicionamento político ou entre a vida privada e a vida pública. Apesar de nunca dito explicitamente, esta homofobia parece ser proveniente da vontade de se limpar das ruas cubanas todos os homens afeminados que maculam este mito fundador da revolução construído no ideal do macho viril, dotado de uma austeridade e de um vigor físico inquebrantáveis.

Mesmo que se possa antever a perseguição aos homossexuais desde 1961, foi durante o chamado *Quinquenio Gris* ou o *Pavonato* (em referência à gestão de Luis Pavón Tamayo no Conselho Nacional de Cultura) entre 1971 e 1976 que se recrudesceu o aparato repressivo cubano contra todos os suspeitos de serem agentes nocivos ao Estado. O início do *Quinquenio Gris* ocorrera após a realização do *Primer Congreso*

Nacional de Educación y Cultura entre os dias 23 e 30 de abril de 1971. De acordo com Sílvia Cezar Miskulin,

Os objetivos iniciais do Congresso se relacionavam à formulação de propostas para a elaboração de uma política educacional. Entretanto, seus debates se ampliaram e as resoluções do Congresso abarcaram também definições sobre a política cultural cubana e sobre normas que guiariam o comportamento da intelectualidade e juventude.

(MISKULIN, 2005: pg. 204)

Terminado o congresso, reafirmou-se a importância de se garantir a *unidade ideológica do povo cubano* através da fiscalização e repressão aos hábitos estrangeirizantes que parcela minoritária da juventude cubana vinham assimilando, tais como o gosto pelos estilos musicais ou pela moda criados e disseminados pelos yankees. Assim foi que se intensificou a perseguição a jovens cabeludos, que usavam calças jeans e escutavam rock n´roll durante estes cinco anos do *Pavonato*. Legislou-se também contra as religiões afro-cubanas, consideradas causadoras da delinquência de seus jovens e fieis seguidores e, por este motivo, defendeu-se a criação de instituições de reeducação para regenerar estes religiosos espiritualistas. No que se refere mais atidamente ao caso da homossexualidade, a linguagem usada neste congresso seria mais abertamente homofóbica do que as críticas antes endereçadas à comunidade gay. Na declaração final do congresso, afirmava-se tacitamente a homossexualidade como patologia social e, como medida profilática, seria adequado “*sanear os focos, bem como providenciar o controle e o encaminhamento de casos isolados, sempre com interesse educativo e preventivo*”⁶. Foi a partir de 1971 que se efetivou uma verdadeira devassa contra os homossexuais, trocando a estratégia recorrente, mas nunca assumida oficialmente, de internação nas *UMAPs* pela estratégia declarada de se vetar o acesso aos cargos públicos ligados à área de ensino e de produção cultural e artística. Dada a inexistência de empregos no setor privado e o fato de um número bastante expressivo de homossexuais em Cuba serem professores ou artistas, esta medida atirar-lhes-ia ao

⁶ “Declaración del Primer Congreso Nacional de Educación y Cultura”. *El Caimán Barbudo*, Havana, n. 46, maio de 1971 – pg. 27 a 32 *apud* MISKULIN, Sílvia Cezar. *Op. Cit.* – pg. 206.

relento da marginalidade social. Analisando esta política homofóbica, Miskulin conclui que

As resoluções de afastamento dos homossexuais de qualquer atividade educacional e cultural, e sua proibição de representar Cuba no exterior eram elementos de uma política homofóbica e repressiva do governo cubano, que já havia emergido durante o período das Umaps e que nos anos setenta se configurava na forma de ostracismo e silenciamento em relação aos intelectuais homossexuais. A visão da homossexualidade como “doença” ou “desvio” que deveria ser extirpado em Cuba, complementada com a valorização da família heterossexual, estava na contramão dos movimentos de afirmação e orgulho gay que nesse mesmo período despontavam nos Estados Unidos. As reivindicações da revolução cultural que eclodiam nas rebeliões de juventude, não apenas nos Estados Unidos, mas também na Europa e na América Latina, foram completamente abafadas e reprimidas em Cuba, sobretudo após o Primeiro Congresso de Educação e Cultura, em abril de 1971.

(MISKULIN, *Op. Cit.*: pg. 207)

A citação dos avanços conquistados pelos movimentos de afirmação do orgulho gay mundo afora comparando-os com a condição dos homossexuais em Cuba no princípio da década de 1970 serve como contraponto à alegação de que a crítica à homofobia do Castrismo é algo um tanto injusta por seu anacronismo. No que se refere às ações públicas em prol de uma legislação de proteção aos homossexuais, Miskulin apregoa o atraso do Estado cubano mesmo quando comparado a países historicamente puritanos e conservadores como os Estados Unidos.

Os estudos de Saddi Teixeira e de Miskulin colaboraram sobremaneira para a pesquisa histórica brasileira sobre o tema na medida em que mergulharam com profundidade tanto na vereda que dissecou a mentalidade homofóbica como subproduto do Castrismo como na vereda que desvela, descreve e interpreta alguns dos casos conhecidos de repressão aos homossexuais. A sutileza crítica característica destes trabalhos contribui, assim, para a superação de assuntos tabus (ao menos para a

intelectualidade dita de esquerda) que perduram acerca dos descaminhos do socialismo cubano.

1.2 A homofobia testemunhada, relatada e analisada por Reinaldo Arenas

Provavelmente, a faceta de Arenas que mais ficou em evidência após sua morte em 1990 foi exatamente a de sua militância contra a homofobia vigente em Cuba. A virulência de suas denúncias atestando a brutalidade do Estado ante os homossexuais ganharia projeção e destaque internacionais principalmente após o lançamento do longa metragem *Before Night Falls* (traduzido no Brasil como “*Antes do Anoitecer*”) em 2000, inspirado exatamente na autobiografia de Arenas. Protagonizado por Javier Bardem, a película enfatiza o cerco repressivo que se delineia durante o processo de construção do socialismo em Cuba. Contudo, nem na narrativa do livro, nem na narrativa fílmica, se pode falar de qualquer pretensão em se restringir as causas da perseguição do Estado contra Arenas apenas à sua homossexualidade assumida. O próprio autor é contundente em demonstrar que suas obras literárias enviadas para a Europa clandestinamente foram tão provocativas ao regime cubano quanto seus casos amorosos com outros homens. Na tentativa de captar com precisão a autoimagem que Arenas intentava transmitir de si, cabe dizer que ele não se autodefiniu somente como um dissidente gay, mas como um intelectual dissidente gay. Ao abordar esta questão da homossexualidade em Arenas, o centro das atenções deve se focar no papel que o autobiógrafo atribui à liberdade sexual na luta política contra o ascetismo revolucionário do Castrismo.

Dentre as denúncias da violência homofóbica, cabe papel de destaque para aquelas ocorridas quando de seu internato na escola de *La Pantoja* no ano de 1960. Neste testemunho, Arenas revela a ocorrência de práticas homofóbicas mesmo antes de *La Noche de las tres P*, reivindicando um outro marco de origem para a repressão sexual no Castrismo. O autor relata que:

(...) en aquella escuela desbordada de una virilidad militante no parecía haber espacio para el homosexualismo que, ya desde entonces, era severamente castigado con la expulsión y hasta con el encarcelamiento. Sin

embargo, entre aquellos jóvenes se practicó de todos modos el homosexualismo, aunque de una manera muy velada. Los muchachos que eran sorprendidos en esos actos tenían que desfilar con sus camas y todas sus pertenencias rumbo al almacén, donde, por orden de la dirección, tenían que devolverlo todo; los demás compañeros debían salir de sus albergues, tirarles piedras y caerles a golpes. Era una expulsión siniestra; por cuanto conllevaba también un expediente que perseguiría a esa persona durante toda su vida y le impediría estudiar en otra escuela del Estado – y el Estado ya empezaba a controlarlo todo.

(ARENAS, 1995: pg. 71 e 72)

Com estas linhas, o autobiógrafo arvora a montagem de uma institucionalidade homofóbica calcada em rituais de humilhação e linchamento públicos como castigos merecidos por estes *maricones* que desonram a revolução.

É importante ainda assinalar que o moralismo machista característico do regime valia-se de artimanhas institucionais para relegar à marginalidade tanto os homossexuais como as mulheres solteiras de vida sexual *liberal* (tomando de empréstimo um adjetivo usado por Arenas para falar de mulheres com vida sexual não monogâmica ou com vida sexual desvinculada do casamento). Dentre estas artimanhas, o autor denuncia a impossibilidade destes grupos conseguirem ocupar um quarto onde morar, pois nesta Cuba em que o Estado possuía controle absoluto da economia até mesmo a morada era uma concessão estatal. Na tentativa, portanto, de conseguir um abrigo que lhe garantisse uma vida mais confortável, Arenas chegou até a casar-se com uma talentosa atriz divorciada chamada Ingrávida González. Ao tratar deste casamento de fachada, Arenas esclarece alguns aspectos de seu posicionamento político dissidente: o machismo do sistema castrista rebaixava o homossexual e a mulher como seres inferiores que, justamente por este motivo, tenderam a criar laços de solidariedade mútua com a intenção de se proteger das agressões constantes do governo; com a progressiva cooptação da ditadura para ampliar a lista de pessoas que trabalhavam para a Segurança do Estado, instaurou-se em Cuba um sinistro ambiente de desconfiança generalizada, pois todos tornaram-se possíveis agentes delatores da ditadura. Deste modo, o

autobiógrafo conclui que o mais nefasto do autoritarismo seria o de conseguir romper os laços de amizade:

Esto fue una de las cosas más terribles que había logrado el castrismo; romper los vínculos amistosos, hacernos desconfiar de nuestros mejores amigos y convertir a nuestros mejores amigos en informantes, en policías. Yo ya desconfiaba de muchos de esos amigos.

(ARENAS, *Ibid.*: pg. 180)

Assim, o método de fiscalização da vida sexual seria feito pela própria sociedade civil através dos *CDRs*⁷, com o Estado estimulando uma rede de delações disseminada pelo país através de benefícios morais e materiais aos informantes. Eram amigos, vizinhos e familiares que entregavam os nomes dos pervertidos e pervertidas, destruindo a fraternidade cubana.

Em *Antes que Anochezca*, Arenas constrói de um modo sorrateiro e habilidoso uma versão da vida sexual cubana durante a década de 1960 na qual o sexo entre homens tornara-se tão corriqueiro que passara a se enquadrar dentro dos limites da normalidade do cotidiano. Deste modo, como a transa fortuita com pessoas do mesmo sexo não era encarada pela esmagadora maioria da população masculina de Cuba como uma questão para afirmação de uma identidade heterossexual, a homofobia cubana não passaria de uma manifestação esquizofrênica do autoritarismo: dentro do quarto, o gozo ocorre em consequência da penetração; dentro da delegacia, o gozo vem do espancamento, mas tanto em uma como em outra circunstância, o amante-agredido é o mesmo. Esta dupla personalidade do carrasco que vislumbra o gay assumido como objeto sexual e elemento a ser destruído permite a Arenas sugerir que quem padece verdadeiramente em estado patológico seriam estes bissexuais enrustidos, crias ocasionais de um Estado que promove uma repressão antinatural. Com esta narrativa engenhosa, Arenas coloca do avesso a lógica do discurso homofóbico incrustada na mentalidade revolucionária: os homossexuais estimulam a vitalidade e o gozo sexual

⁷ *CDRs* é a sigla em referência aos *Comités de Defensa de la Revolución*, foram criados em 1960 em meio à elevação do grau de tensão entre os governos de Cuba e dos Estados Unidos, sua função original deveria ser a defesa da Revolução contra o inimigo interno.

compartilhado, enquanto o Estado repressor estimula a patologia do recalque e o gozo do agressor perante o sofrimento do agredido. Para Arenas, é inerente a toda ditadura a tentativa de se conter a alegria e a espontaneidade de um povo: *“Toda dictadura es casta y antivital; toda manifestación de vida es en sí un enemigo de cualquier régimen dogmático. Era lógico que Fidel Castro nos perseguiera, no nos dejara fornicar y tratara de eliminar cualquier ostentación pública de vida”*⁸.

No capítulo intitulado *El erotismo*, as aventuras sexuais de Arenas e seus amigos gays se desenrolavam nesta trama mista de orgasmos explosivos e do perigo de se estar quase sempre com homens violentos. São inúmeros os episódios em que estes homossexuais tiveram que ser levados a hospitais por conta dos ferimentos causados pela fúria destes amantes após a ejaculação. Os homossexuais ainda eram vítimas de outros crimes, como o furto/ roubo, realizados por amantes delinquentes que se consideravam no direito de trapacear a *los maricones*, seja como um devido castigo por seu comportamento depravado, seja pelo fato deles serem um dos grupos mais desprotegidos pelo Estado: *“A veces los amantes con los que nos tropezábamos tenían intenciones criminales o complejos que los llevaban a desatar una violencia injustificada”*⁹. Dentre os casos eróticos narrados por Arenas, há que se destacar também a quantidade de militares que usavam os corpos de *las locas* para saciar seus desejos. Ao falar sobre as festas orgiásticas entre os homossexuais e estes jovens militares e sobre as frutíferas visitas que realizavam aos quartéis, Arenas analisa a ineficiência das políticas estatais homofóbicas, pois quanto maiores eram as ações repressivas, mais a liberdade sexual aflorava nos recônditos da urbe:

Creo que nunca se singó más en Cuba que en los años sesenta; en esa década precisamente cuando se promulgaron todas aquellas leyes en contra de los homosexuales, se desato la persecución contra ellos y se crearon los campos de concentración; precisamente cuando el acto sexual se convirtió en un tabú, se pregonaba al hombre nuevo y se exaltaba el machismo. Casi todos aquellos jóvenes que desfilaban ante la Plaza de la Revolución aplaudiendo a Fidel Castro, casi todos aquellos soldados que, rifle en mano,

⁸ ARENAS, Reinaldo. *Op. Cit.* – pg. 119.

⁹ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 124.

marchaban con aquellas caras marciales, después de los desfiles, iban a acurrucarse en nuestros cuartos y, allí, desnudos, mostraban su autenticidad y a veces una ternura y una manera de gozar que me ha sido difícil encontrar en cualquier otro lugar del mundo.

(ARENAS, *Op. Cit.*: pgs. 130 e 131)

Esta vivacidade homossexual adquire ares de luta política dissidente não convencional quando percebida como ato de desobediência civil que debocha da incompetência do Estado em formatar o homem novo perfeitamente conformado ao ascetismo revolucionário. Continuar com suas irrefreadas experiências sexuais, mesmo diante de tamanhos perigos, criava um grande problema para a ditadura conseguir enquadrar a experiência cotidiana à falsa imagem propagandeada internacionalmente.

Arenas circunscreve esta homossexualidade dissidente como um aspecto geracional. Ao nomear os integrantes das tertúlias literárias das quais participara durante a década de 1960 e que foram de suma importância para sua formação de escritor, cita personalidades de assumida vida homossexual, sem falar da impregnada identidade gay no estigma da geração Mariel. Esta geração, da qual Arenas fora um dos principais expoentes, pagou um alto preço pelo anseio de se apartarem à “*tradición chata y de la ramplonería cotidiana que ha caracterizado a nuestra Isla*”¹⁰. Portanto, este erotismo usado como sorriso de escárnio lançado contra a ditadura não fora uma cruzada trilhada sozinha e sim uma cruzada geracional. Contudo, a narrativa de Arenas em *Antes que Anochezca* também se caracteriza por seu aspecto oscilante. Se em determinados momentos o autor se orgulha de ter corajosamente enfrentado a perseguição policial e contribuído para a desmoralização do regime, outros trechos são marcados pelo pessimismo quanto a este passado. Ainda que se reconheça a pertinência da ação dissidente, para o autor sua geração fora irremediavelmente uma geração destruída pelo comunismo; na avaliação de Arenas, pelo menos até o contexto em que estava escrevendo suas memórias, sua geração fora derrotada por Fidel Castro:

Nuestra generación, la generación nacida por los años cuarenta, ha sido una generación perdida; destruida por el régimen comunista. La mayor parte de

¹⁰ ARENAS, Reinaldo. *Ibid.* – pg. 115.

nuestra juventud se perdió en cortes de caña, en guardiás inútiles, en asistencia a discursos infinitos, donde siempre se repetía la misma cantaleta, en tratar de burlar las leyes represivas; en la lucha incesante por conseguir un pantalón pitusa o un par de zapatos, en el deseo de poder alquilar una casa de la playa para leer poesía o tener nuestras aventuras eróticas, en una lucha por escapar a la eterna persecución de la policía y sus arrestos.

(ARENAS, *Op. Cit.*: pg. 114)

Não há arrependimento neste desabafo, mas há ressentimento por tudo aquilo que seus amigos e ele próprio poderiam ter sido e não foram por conta de uma revolução casta e castradora. O confinamento nas *UMAPs* colocou em suspensão a carreira de talentosos literatos; os trabalhos braçais obrigatórios na lavoura de cana interrompiam os mais profícuos processos de criação artística; e a homofobia relegou-lhes a um ostracismo que foi insuperável para muitos que, a exemplo de *Pepe el Loco*, cometeriam suicídio. Deste relato testemunhal sobre a perseguição aos homossexuais depreende-se que para Arenas somente a ação direta da dissidência poderia derrubar definitivamente Fidel Castro do poder; porém, esta esperança projetada a um futuro contrasta com uma avaliação pessimista quanto ao passado: as trevas que baixaram em Cuba com a instauração do regime comunista massacraram sua geração.